

Antônio Hohlfeldt falando com crianças

O jornalista gaúcho, Antônio Hohlfeldt, lançou em Belo Horizonte, na casa de Leitura Miquilim, mais um livro. Desta vez, trata-se de literatura infantil, o primeiro no gênero.

"Porã", o nome do livro, conta a história de uma criança indígena de uma aldeia do Rio Grande do Sul, mediante toda a realidade pela qual passam atualmente os índios brasileiros.

Para Antônio Hohlfeldt, a literatura infantil tem que ser verdadeira. Ou seja, partir de fatos concretos pois esta é uma forma riquíssima de ensinar às crianças a nossa realidade. "É mais fácil conversar com crianças do que com adultos. O adulto já está muito cheio de idéias erradas e a criança está mais apta a aprender e a assimilar as coisas novas."

Disse ainda o jornalista e escritor gaúcho, autor ainda de várias obras, ensaios e pesquisas desde antropologia à literatura contemporânea, que não existe receita alguma para se fazer livros de crianças: basta dizer a verdade, que inclusive a própria infância vai se encarregar de perceber e criar novas histórias.

A entrevista que se segue, foi feita por crianças, que cursam a 4ª série do primeiro grau do Colégio Roberto Einstein. Nesta, foi mais uma vez comprovado que as crianças, mediante o acesso aos meios de comunicação, têm grande interesse pela realidade indígena brasileira, propondo inclusive uma "ação", para melhores condições dos nossos índios.

GILSE — O que você é?

ANTÔNIO HOHLFELDT — Eu sou jornalista. Trabalho num jornal lá em Porto Alegre. Daí o meu jornal mandou-me para o interior do meu Estado que é o Rio Grande do Sul, para fazer uma reportagem sobre o índio. Eu nunca tinha estado na região de índios e nem sabia que existia tantas aldeias no meu Estado. Pequei um ônibus e cheguei nesta aldeia. Cheguei lá muito cansado e tive até medo dos índios. A gente quem quer namorar e não tem coragem de chegar perto. Depois começamos sei uns dias lá com eles. Eu não estava sozinho, comigo estava um fotógrafo. Recolhemos uma quantidade enorme de histórias dos índios e depois voltamos para o jornal. Nesta mesma época, outro colega meu estava fazendo a mesma coisa que eu, só que no Amazonas. Quando nos encontramos, eu cheio de novidades e ele também, resolvemos então comparar as nossas histórias. Ficamos muito espantados pois os índios que eu vi no sul do Brasil eram completamente diferentes dos que meu colega viu no norte. Os índios que meu colega viu eram fortes, bonitos, usavam colares e anéis, penteavam os cabelos com pentes feitos de ossos de bichos, pintavam o rosto com as tintas que eles descobriram nas árvores. Estes índios nadavam nos rios, brincavam com alguns bichos e pareciam ser muito felizes. Então fiquei assustado, pois o índio que eu vi no sul, não era nada daquilo. Eles eram magrinhos feios e muito doentes. Ai então eu e meu colega, ficamos pensando qual a razão desta grande diferença e chegamos à conclusão que, no sul, o nosso índio era assim tão feio, porque ele já tinha contatos com o homem branco, e já tinha perdido suas florestas e suas terras para os invasores, ou as grandes fazendas.

ALESSANDRA — Estas grandes fazendas são os latifundiários?

ANTÔNIO HOHLFELDT — Justamente, são pessoas que possuem muitas terras e não chegam a utilizar todas elas. Você sabia que no Rio Grande do Sul acontece uma história muito triste e muito feia em relação aos latifundiários? Não sei se em Minas é assim, mas lá no meu Estado, os latifundiários guardam suas terras e vão invadindo e plantando nas terras dos índios. Bom, aí eu e meu colega resolvemos então fazer uma série de reportagens mostrando justamente esta invasão dos brancos na terra dos índios. E sabe mais de uma coisa? A gente aprende que na descoberta do Brasil, os brancos vieram para cá, para plantar e diziam que respeitariam o índio. Mas nada disto foi verdade. Eles só fizeram mal. E sabem de mais? Depois que o índio se encontrou com a civilização do branco ele começou a gostar da cachaca, e passou até a mendigar. E também a parte do governo que devia cuidar do índio bem direitinho, não faz isto devidamente.

CLIO — E a FUNAI?

ANTÔNIO HOHLFELDT — A FUNAI, exatamente, que é a sigla da Fundação Nacional do Índio. Para se ter uma idéia como é incrível esta situação, a FUNAI pregou um cartaz, proibindo a venda de cachaca para os índios. Mas acontece que estipulou também uma multa muito baixa para quem infringisse a tal lei. E sabe de quanto era a multa? Cr\$1.000,00. E vocês acham que alguém obedece esta lei? Pois é, ninguém. Cachaca custa Cr\$10.000,00 e mesmo pagando a multa, é um "bom" negócio, vender cachaca para os índios. São coisas assim que acontecem. Ficamos então muito preocupados com todas estas coisas e resolvemos então juntar um montão de gente que trabalha com o índio e os próprios índios de Porto Alegre e fizemos um encontro que durou 15 dias. Depois deste encontro resolvemos defender o índio de uma forma certa.

ANGELA — Índio gosta de ser índio?

ANTÔNIO HOHLFELDT — De primeiro, quando a gente perguntava para um índio, se ele gostava de ser índio ele respondia — Não, eu não, eu sou Kaingang, eu sou Xavante, eu sou Poreci, eu sou

Iolanda PIGNATARO

Irantxe, ou Guarani. Ele dizia a tribo dele e não identificava todo mundo como índio. Agora ele sabe que ele é realmente de uma tribo que é diferente de outras. Mesmo sofrendo muito, ele gosta de ser índio.

BERNARDO — Qual é o Deus dos índios?

ANTÔNIO HOHLFELDT — Eles não tem só um Deus. Cada tribo, ou conjunto de tribos, tem um tipo de religião diferente. Agora, de um modo geral, todas as tribos do Brasil têm um Deus principal e outros deuses menores, que poderíamos chamar de "santos", que são os protetores das coisas. Por exemplo, tem uma figura que protege a água, outro que protege a floresta. O nome depende muito da tribo e da língua. Por exemplo, Porã que é o nome do meu livro, é uma palavra Kaingang, que significa "coisa bonita". Eu não sabia que esta palavra tem este significado e deu certinho com o menino do meu livro, porque ele é muito bonito.

DÉBORA — O sol e a lua, são os deuses de nossos índios?

ANTÔNIO HOHLFELDT — Aqui no Brasil, isto não é muito comum, mas no México é bem ao contrário. Aqui no Brasil os nossos índios acreditam muito são nos bons e maus espíritos.

GILSE — No colégio eu aprendi que o trovão é um Deus...

ANTÔNIO HOHLFELDT — Eu explico, é o seguinte. Todas as sociedades primitivas, quer dizer, índios, povos da Austrália, Malásia, África, Havaí, Ásia ou outros povos que não têm escrita, todas as coisas que eles não conseguem entender, são deuses. São coisas que ao mesmo tempo que eles respeitam, eles também têm medo.

GUILHERME — Então branco já foi Deus para os índios?

ANTÔNIO HOHLFELDT — Foi sim... Quando vocês estiverem no ginásio, vocês vão ler sobre a chegada dos espanhóis lá no México e no Peru, e vão ficar sabendo que os índios lá deixaram o branco entrar, e tomar conta de tudo, porque pensaram que o branco era um deus. Sabem por quê? Porque o branco veio por cima da água e de navio e além do mais vindo do oeste e existia uma lenda dos índios que dizia o seguinte: um dia chegaria um Deus por cima da água, vindo do oeste. E foi assim mesmo que o espanhol chegou por aqueles lados. E quando os índios se deram conta que estes brancos não eram deuses, já era tarde demais.

CLIO — Os índios do Rio Grande do Sul andam pelados?

ANTÔNIO HOHLFELDT — Não. Eles andam como nós, e até gostam muito de roupa nova.

SANDRO — Você já conversou com algum dono da Funai?

ANTÔNIO HOHLFELDT — Dono não, presidente. Já conversei com vários e como eles nunca conseguem fazer o que dizem que vão fazer, ou como alguns querem fazer mesmo e daí outros não querem que eles façam, estes presidentes não duram muito tempo em seus lugares. É mesmo muito difícil encontrar alguns deles que estejam realmente preocupados com o índio.

BERNARDO — Você acha que você ajuda mesmo os índios?

ANTÔNIO HOHLFELDT — Claro. Escrevi um livrinho para vocês lerem, sobre a Vida de um indiozinho da idade de vocês. Além do mais quando tem algum índio doente, até levo para o hospital.

SANDRO — Tem muita gente que não gosta da Funai, não é?

ANTÔNIO HOHLFELDT — Tem sim. E tem horas que acredito que a Funai está até interessada com que nosso índio desapareça. Mas nós temos que ser a voz do índio, junto da civilização e temos também muito que aprender com nossos índios.

DÉBORA — O menino Porã de seu livro existe?

ANTÔNIO HOHLFELDT — Existe sim, ele mora numa aldeia indígena lá de Porto Alegre, e a historinha que está aí no meu livro foi ele quem me contou.

BERNARDO — O que o homem branco quer, tirando a cultura do índio?

ANTÔNIO HOHLFELDT — Vão levar vantagem, porque alguns brancos vão transformar isto num monte de dinheiro. O índio na sua simplicidade não está nem um pouco interessado com a vida que nós aqui na cidade levamos. O índio é muito puro.

LETÍCIA — É verdade que a Funai rouba dos índios?

ANTÔNIO HOHLFELDT — E, sim. Ele ganha muito dinheiro em cima do índio. Pega a madeira toda que tira da derrubada das árvores e fala para o índio que vai vender para ele, lá na cidade. Só que ele vende e não dá o dinheiro para o índio. Mas não é todo mundo da Funai, que é mau assim.

BERNARDO — O que podemos fazer para ajudar ao índio?

ANTÔNIO HOHLFELDT — Olha, uma coisa que vocês ainda podem fazer, é se informar, porque só assim, procurando saber da verdade dos índios, é que a gente pode amá-los verdadeiramente. Temos que procurar histórias muito verdadeiras sobre os índios, aí então quando vocês forem maiores, é que vocês vão poder fazer alguma coisa de definitiva para eles.

GUILHERME — E uma passeata? Você sabe que polícia não pode nos impedir porque somos ainda pequenos...

ANTÔNIO HOHLFELDT — É, você tem razão. Mas o problema é o seguinte, isto não é o mais importante. O mais importante é ler sobre o índio e chamar seus amigos para também entenderem a vida e as necessidades dos nossos índios. Um dia eles vão precisar muito de vocês.